

## Lex

ASSESSORIA JURÍDICA ÀS EMPRESAS

# Protecionismo de Trump vai trazer novos desafios à economia mundial

**O maior protecionismo por parte da nova administração norte-americana liderada por Trump está a gerar receios. A Europa pode ser penalizada, mas Portugal tem capacidade para mitigar os impactos. Ainda assim, os assessores jurídicos empresariais alertam que o país pode sofrer com uma retração do comércio mundial.**

JOÃO DUARTE FERNANDES  
joaomfernandes@negocios.pt

A reeleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América (EUA) promete trazer novos desafios à economia mundial, já que uma das bandeiras da sua campanha foi precisamente o aumento das tarifas e taxas aduaneiras. Perante este expectável cenário, os advogados mais direcionados para o apoio jurídico às empresas, antecipam um impacto negativo nas trocas comerciais, afetando o setor empresarial, com especial destaque para a União Europeia (UE) e Portugal.

No que toca ao panorama internacional, “estamos, com grande probabilidade, a iniciar um capítulo novo pós-globalização, em que as economias mais abertas e com mercados internos mais limitados”, como é o caso de Portugal, “serão afetadas”, afirma Bruno Ferreira, “managing partner” da PLMJ.

Gonçalo Anastácio, sócio responsável pelo Departamento de Concorrência e UE da SRS Legal, vai mais longe. O advogado sublinha que “Trump, com o que tem anunciado em campanha e o suporte que conseguiu no Congresso [...], promete ter a administração mais protecionista desde há mais de um século”. Para este especialista “é evidente que não se augura um período bom para a liberdade de comércio [...] e aponta que “os planos anunciados, conjuntamente com as inevitáveis reações dos blocos alvo, prometem ter um impacto mais negativo no produto interno bruto (PIB) da China e EUA.”

Noutra linha, André Areias, associado sénior de Fiscal da Cuatrecasas recorda que “ainda não sabemos como é que será implementada a prometida estratégia de aumento massivo de tarifas” nem quem suportará o custo destas medidas sobre bens importados pelos



Donald Trump iniciará o seu segundo mandato enquanto Presidente dos EUA a 20 de janeiro de 2025.

EUA. Olhando para aquilo que é o mundo do retalho americano, o especialista destaca que “já há movimentos que apontam para que o custo seja suportado pelos consumidores [...]”. Mas questiona “que outros incentivos serão aprovados para atrair a produção de bens para os EUA?” Em todo o caso, diz que “as tarifas aduaneiras terão um papel-chave na visão económica do novo presidente [...] e, como tal, as empresas devem preparar-se para o seu impacto”.

Já Nuno Cunha Barnabé, sócio da Abreu Advogados, prevê, com a reeleição de Trump, “uma

**Há espaço para Portugal conseguir mitigar os impactos de um maior protecionismo económico de Trump.**

redução do compromisso com blocos económicos multilaterais, como a Organização Mundial do Comércio e nefastas consequências em acordos ambientais, como a retirada do acordo de Paris”.

Sobre as repercussões de tais medidas para a UE, os especialistas contactados pelo Negócios são unânimes em afirmar que estas serão significativas. Ainda assim, como lembra o líder da PLMJ, “desde o primeiro mandato de Donald Trump que a Europa tem vindo a criar mecanismos de reação àquilo que é uma tendência que já é irreversível, [...] e do crescente protecionismo económico”, sublinha. “Num cenário de agravamento adicional, as estimativas apontam para uma contração do produto interno bruto generalizada, com impactos diferentes consoante a economia, com a Alemanha a sofrer particularmente”, refere o advogado.

Bruno Ferreira acrescenta ainda que “aquilo que também está em cima da mesa é a possibilidade de a UE negociar acordos setoriais menos violentos” e aqui, para o especialista, “o papel dos Governos da UE será fundamental”.

Em concordância, Cunha Barnabé refere que, quanto à Europa, “esperam-se novas restrições comerciais, especialmente em setores estratégicos como o automóvel, tecnológico e agrícola e ainda o enfraquecimento de acordos comerciais”.

André Areias nota que “se, por um lado, o aumento anunciado de 60% das tarifas para as importações provenientes da China pode representar uma oportunidade para as empresas europeias [...], uma tarifa de 10% sobre as importações do resto do mundo terá necessariamente algum impacto nas empresas portuguesas que exportam para os EUA em setores fun-

Brian Snyder/Reuters

## Apoio da advocacia às empresas: entre desafios e oportunidades

damentais”, entre os quais destaca o automóvel e o dos produtos químicos.

Pegando na deixa e olhando agora para o caso nacional, face ao perfil das exportações portuguesas, os especialistas afirmam que há espaço para mitigar os impactos de um potencial aumento das tarifas aduaneiras por parte dos EUA. Ressalvam, porém, que caso se retraia o comércio mundial, Portugal pode vir a sofrer direta e indiretamente devido aos efeitos que um maior protecionismo terá sobre os nossos parceiros comerciais.

“Os EUA são hoje o quarto mercado de destino das exportações nacionais [...] e, na última década, têm vindo a ganhar maior relevância”, destaca Bruno Ferreira da PLMJ. Em termos nacionais, “estamos essencialmente a falar de exportação de bens e não de serviços, pelo que o agravamento das tarifas de entrada no mercado norte-americano vai certamente ter um impacto negativo”, pelo menos numa fase inicial de ajustamento, lembra o advogado. Ainda assim, ressalva que “pelo perfil das nossas exportações – sobretudo matéria-prima e componentes e não produto final – há espaço para que o impacto seja mitigado”.

“Apesar de se tratar de um tema de política comercial comum europeia, e que formalmente se aplica de igual modo aos 27 Estados-membros, o impacto direto destas tarifas na economia portuguesa não será particularmente penalizador, atenta a nossa estrutura produtiva e destinos das nossas exportações”, concorda Gonçalo Anastácio. Não obstante, salienta que “é preocupante pelo efeito indireto, na medida em que se retraia o comércio mundial e logo a dinâmica aquisitiva dos nossos parceiros comerciais”.

Donald Trump será, a partir de janeiro, o novo inquilino da Casa Branca. Com o republicano ao leme da maior economia mundial, é esperado um maior protecionismo económico por parte dos Estados Unidos da América (EUA), o que afetará os parceiros comerciais daquele país. O Negócios procurou saber que mecanismos podem ser usados pelas sociedades de advogados no apoio a empresas para fazer frente a estes novos desafios, mas também que oportunidades são passíveis de ser criadas.

Mariana Norton dos Reis, sócia na área de Societário e M&A da Cuatrecasas, afirma que as sociedades de advogados podem ter um papel essencial, que remete para três momentos. “Desde logo, na identificação, levantamento e revisão das medidas protecionistas que sejam

aprovadas [...] porque não afetam seguramente por igual todos os setores e/ou empresas.” Norton dos Reis nota que “estas medidas, em conjunto com outras políticas”, designadamente de desregulação da economia e de levantamento de entraves à concentração de empresas, “podem fomentar operações de concentração e de consolidação e podem fazer crescer o volume de fusões e aquisições e de operações de mercado de capitais, seja internamente nos EUA, ou a nível global”, lembrando que “os grandes fundos de investimento americanos acabam por ditar políticas de investimento globais”, afirma a especialista.

Em segundo lugar, o papel das firmas deverá passar também pela “antecipação das medidas que a Europa possa (e deva!) vir a adotar como reação

às políticas americanas”, refere a advogada. Nesta linha, “podemos ver um movimento relevante da União Europeia (UE) que terá que reagir e procurar ‘aliviar’ algumas das exigências sobre os operadores europeus para manter a sua competitividade”.

Por último, Mariana Norton dos Reis fala no papel de “aconselhamento jurídico aos operadores económicos” que as sociedades de advogados deverão ter. Em jeito de exemplo, refere a importância da “identificação de eventuais oportunidades de investimento ou necessidades de desinvestimento, tendo em conta os impactos atuais e potenciais das várias medidas e contra-medidas aprovadas pela Europa e Ásia.”

Mas nem tudo tem de ser visto como negativo. A sócia da

Cuatrecasas prevê que “as medidas do novo Governo americano não se limitarão seguramente a aumentar as tarifas cobradas sobre os bens produzidos fora do território americano”, mas que incluirão “outros mecanismos de estímulo económico que poderão representar oportunidades para os operadores portugueses.” Desde logo, destaca o setor tecnológico, no qual “Portugal tem procurado afirmar-se como um ‘hub’ a nível europeu”, refere. Sobre este ponto, lembra que “os EUA e os investidores americanos têm sido parceiros importantes no crescimento e afirmação das nossas startups” e sublinha o “conjunto de figuras proeminentes do ecossistema americano a assumir papéis relevantes junto da nova administração” norte-americana. ■



**Temos a experiência do que foi o primeiro mandato de Donald Trump e o impacto na União Europeia foi bastante visível.**



**BRUNO FERREIRA**  
“Managing partner” da PLMJ



**Outros mecanismos de estímulo económico [da nova administração dos EUA] poderão representar oportunidades [...].**



**MARIANA N. DOS REIS**  
Sócia da área de Societário e M&A da Cuatrecasas



**Trump, com o que tem anunciado em campanha [...], promete ter a administração mais protecionista desde há mais de um século.**



**GONÇALO ANASTÁCIO**  
Sócio no Departamento de Concorrência e UE da SRS Legal



**Prevê-se uma redução do compromisso com blocos económicos multilaterais, como a Organização Mundial do Comércio [...].**



**NUNO CUNHA BARNABÉ**  
Sócio na área de Fiscal da Abreu Advogados

# COMO TRUMP MEXE COM AS TECNOLÓGICAS

- Novo Presidente dos EUA deu maior ímpeto às ações do que Joe Biden
- Nvidia triplicou de valor este ano e é a cotada mais valiosa do mundo
- Ciclo de mudança começa com a promessa de uma transição suave
- Protecionismo vai trazer novos desafios à economia mundial

PRIMEIRA LINHA 4 a 9, LEX 14 e 15, EDITORIAL